

A Água Como Um Duplo

The Water Like a Double

Amós Coêlho da Silva

Doutor em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Professor do Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
E-mail: amoscoelho@uol.com.br

Endereço: Amós Coêlho da Silva

Endereço: Rua Ramiro Magalhães, 352 Engenho de Dentro - CEP 20730-460 - Rio de Janeiro -RJ

Editor Científico: Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 15/10/2016. Última versão recebida em 07/11/2016. Aprovado em 08/11/2016.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação

RESUMO

A água na linguagem humana de sociedades arcaicas e primitivas é um duplo. Tal duplicação se dá justamente pelo modo como o homem decodifica os objetos que o cercam. Comparação entre o poder da água e o fogo. Neste ensaio, em perspectiva comparada, abordaremos as relações da água com a vida e a morte, em sentido mítico e religioso, pesquisando, interdisciplinarmente, pontos de vista da filosofia, da linguística, da mitologia, da expressão literária e dos estudos sobre o simbolismo da linguagem, além do diálogo intertextual, alusivo ou como citação, entre os poetas gregos e romanos da antiguidade. Rios como culto religioso em diversas partes do mundo. A etimologia dos nomes de rios como simbolismo no imaginário da tradição cultural e religiosa dos povos. A viagem de Eneias e os rios no Hades, na *Eneida* de Vergílio. O espelho da água como ilusão para Narciso, nas *Metamorfoses* de Ovídio.

Palavras-chave: Etimologia. Simbolismo. Alusão e Citação Intertextual. Linguagem.

ABSTRACT

The water in the human language of archaic and primitive societies is a double. Such duplication gives precisely by the way as a man gets the together objects besides him. Comparison between the power of the water and the fire. In this paper, in compared perspective, we will aim to tackle the relations of the water with the life and the death, in mythical and religious sense, researching by interdisciplinary interlocution, points of view from the philosophy, from the linguistics, from the mythology, from the literary expression and from the studies on the symbolism of the language, in addition to the intertextual dialogue, allusive or like quotation, between the Greek and Roman philosophers and poets from the Antiquity. Rivers like religious cult in diverse parts of the world. The etymology of the names of rivers like symbolism in the imaginary of the cultural and religious tradition of the peoples. The trip of Aeneas and the rivers in the Hades, in Virgil's *Aeneid*. The mirror of the water like illusion for Narcissus, in the Ovid's *Metamorphoses*.

Keywords: Etymology. Symbolism. Intertextual Allusion And Quotation. Language.

1 INTRODUÇÃO

Há na água um duplo. Embora ela seja incompatível com o fogo, sua alteridade mais contundente, é possível se apresentar comparável em algum traço característico e comum a ambos, paradoxalmente: *Como o fogo, a água pode servir de ordálio* (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1994). Desse modo, ao assumir forma de borrasca, destrói lavouras e suas plantações, deixando de ser símbolo de vida para ser um poder maléfico. No entanto, (Idem: FOGO - grifo dos Autores): *O Fogo, nos ritos iniciáticos de morte e renascimento, associa-se ao seu princípio antagônico, a água. Tanto é assim, que os Gêmeos do Popol-Yul, após sua incineração, renascem de um rio onde suas cinzas foram lançadas.*

Para Heráclito de Éfeso (s. VI-V a.C.), o mundo se encontra num incessante movimento (Dicionário Básico de Filosofia: HERÁCLITO), *πάντα ῥεῖ, tudo flui*. Chega então à sua fundamentação *do tornar-se, do devir, do vir a ser: Não nos banhamos duas vezes no mesmo rio*. E, na esteira deste mesmo filósofo, se encontra um duplo: *Da luta dos contrários é que nasce a harmonia*. Aí temos uma reflexão filosófica que se encontra plenamente no simbolismo da água e do fogo, como já se mostrou mais acima e em catarses universais, ainda em relação à sua entidade mais antitética, que é o fogo: *A purificação pelo fogo, portanto, é complementar à purificação pela água, tanto no plano microcósmico (ritos iniciáticos), quanto no plano macrocósmico (mitos alternados de dilúvios e de grandes secas ou incêndios)* (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1994).

No mundo judaico, opera como liturgia cristã, no Novo Testamento, em São João (1.33) ocorre o batismo de Jesus com água, conforme exegese Mt 3.11 At 1.5; 2.4; 10.44; 19.2: *E eu não o conhecia, mas o que me mandou a batizar com água, esse me disse: Sobre aquele que vires descer o Espírito, e sobre ele repousar, esse é o que batiza com o Espírito Santo.*

Há todo um envolvimento alegórico dos homens, se passarmos ao plural: as águas, sempre operando com ambiguidade. Por exemplo, a sua forma como Oceano é a imagem da indistinção primordial, devido à sua extensão aparentemente sem limites - o que, outrora, já fez o homem conceber esta dimensão como um universo absoluto. É isso mesmo que lemos nos mitos de sociedades arcaicas e primitivas, uma era primordial, conforme Gênesis 1, 2: *... e o Espírito de Deus pairava sobre as águas*. Como mar, é símbolo da dinâmica da vida (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1982).

Assim se dá também na mitologia helênica, quando houve a união de Oceano e Tétis nascem os rios (Nilo, Alfeu, Escamandro...) e as Oceânidas (Calipso...) (*apud* CHEVALIER;

GHEERBRANT, 1994): "O simbolismo do rio e do fluir de suas águas é, ao mesmo tempo, o da possibilidade universal e o da fluidez das formas (F.. Schuon - grifo deste Autor), o da fertilidade, da morte e da renovação."

Nilo (do gr. 'Neílos') que significa rio azul, e note que temos em português anil com o mesmo sentido. Nilo integra o mito de *Io*, amada por Zeus e odiada e perseguida por Hera. Deu à luz a Épafo, que se uniu a Mênfis, filha do rio Nilo e gerou Líbia. O Egito, onde se fundou a mais antiga das civilizações, sempre foi considerado uma dádiva do Nilo, historicamente e, geograficamente, dada a extensão de sua bacia hidrográfica, que é a maior do mundo, abriga múltiplos países da África.

Alfeu, que significa branco, banha o Peloponeso, entre a Élide e a Arcádia. É o rio da cidade de Olímpia, cantada em versos por Píndaro: a primeira ode olímpica de Píndaro é uma homenagem à vitória de Hierão na corrida de cavalos, em Pisa, cujo santuário ficava junto às margens do Alfeu.

Escamandro significando *curvar-se*, em grego, um sinônimo etimológico de Símois. É o mais importante rio da planície troiana. Escamandro tem o epíteto Xanto, louro avermelhado, por causa das suas águas barrentas. Foi ele que tingiu de louro os cabelos de Afrodite.

O rio, também como escoamento das águas em suas cheias e confluência com outros, simboliza a possível fecundidade do universo, contrastando a duplicidade entre a morte e a renovação da vida. A sua descida para o Oceano é um reencontro das águas, o acesso ao nirvana. Consideremos a interpretação de Junito de Souza Brandão:

O símbolo do rio, do escoamento das águas é, simultaneamente, o da possibilidade universal e do escoamento das formas, da fertilidade, da morte e da renovação. (...) A travessia (de um rio) é a luta contra os obstáculos que separam dois princípios: o mundo fenomenal e o estado incondicionado, o mundo sensível e o estado de desapego. O 'rio que vem do alto' da tradição judaica é o das bênçãos e das influências celestiais. Este 'rio do alto' desce verticalmente, de acordo com o eixo do mundo, o 'axis mundi'; espraia-se depois, horizontalmente, a partir do 'centro', seguindo as quatro direções cardeais, até as extremidades do mundo: trata-se dos quatro rios do Paraíso terrestre. (1986: 265)

Não é só entre os gregos e romanos que os rios eram objeto de culto religioso. É comum em muitas culturas rios que simbolizem o cosmo, neste caso denominados grandes rios cósmicos: assim, Ganges, na Índia; o já citado Nilo, no Egito; Severn, na Inglaterra; Jordão, na Palestina; Tibre, na Itália...

Junito Brandão tira a seguinte ilação, mais abaixo, de Platão, no *Crátilo* (402a), sobre Heráclito, já citado acima: '*Heráclito diz algures que tudo está em mudança e nada*

permanece parado e, comparando o que existe à corrente de um rio, diz que não se poderia penetrar duas vezes no mesmo rio. '

Penetrar num rio é para a alma entrar num corpo. A alma seca é aspirada pelo fogo, a alma úmida é sepultada no corpo. Possuindo uma existência precária, o corpo flui como a água e cada alma possui seu corpo particular, esta parte efêmera de sua existência, o seu rio. (1986: 266)

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Água como ordálio

O ordálio, como se sabe, denota juízo divino e data de 1899, como se lê no Houaiss Eletrônico. No discurso judiciário, muitas vezes utilizado na Idade Média, o procedimento jurídico se sustenta com provas colhidas de elementos da natureza, e assim se fundamentava um resultado de grau de julgamento divino.

Passagem da *Eneida* (canto VI) sobre a travessia dos rios infernais:

Aeneas, miratus enim motusque tumultu, 317
`Dic' ait `O virgo, quid volt concursus ad amnem?
Quidve petunt animae, vel quo discrimine ripas
hae linqunt, illae remis vada livida verrunt?' 320
Olli sic breviter fata est longaeva sacerdos:
`Anchisa generate, deum certissima proles,
Cocytii stagna alta vides Stygiamque paludem,
di cuius iurare timent et fallere numen.
Haec omnis, quam cernis, inops inhumataque turba est; 325
portitor ille Charon; hi, quos vehit unda, sepulti.
Nec ripas datur horrendas et rauca fluenta
transportare prius quam sedibus ossa quierunt.
Centum errant annos volitantque haec litora circum;
tum demum admissi stagna exoptata revisunt.' 330

Tradução nossa, como os demais textos latinos que se seguem:

*Enéias, pois, admirado e comovido com o tumulto, fala:
 ‘Diga, ó virgem, o que deseja reunida ao rio (a multidão)?
 Ou o que pedem estas almas? Ou por que motivo estas (mais próximas)
 deixam as margens (e) aquelas cortam as pálidas águas com os remos?
 A este a velha sacerdotisa respondeu brevemente:
 ‘Ó filho de Anquises, prole certíssima dos deuses,
 vês as águas profundas do Cocito, e lagoa Estígia,
 a cujo poder divino os deuses temem (quando) / (se) perjuram ?
 Toda esta turba, que vês, é pobre e sem túmulo;
 Aquele barqueiro, Caronte; estes que a água leva foram sepultados.
 Nem é concedido passá(-los) para as margens horrendas e sussurrantes correntes
 Antes que os ossos tenham descansado nos seus aposentos.
 Andam errando e voam em volta destas praias cem anos;
 Enfim, só então, admitidos, visitam de novo as águas desejadas.*

Ora, “as águas profundas” de dado rio do Hades se impõem até mesmo aos deuses se jurarem com um juramento “falso”, adjetivo português proveniente do supino “falsum”, conforme o infinitivo latino “fallere”, *enganar*. Daí, a nossa opção por traduzir o verso *di cuius iurare timent et fallere numen, a cujo poder divino (equivalente a “numen”) os deuses temem perjurar...* Bem próxima à do francês Maurice Rat: *dont les dieux craignent de parjurer les puissance...* Como ele põe nota, a divindade Estige tendo tomado o partido de Júpiter, que é a versão latina de Zeus, contra os Titãs, enviou-lhe em socorro o apoio de seus dois filhos divinos, a Vitória e a Força. Consumada a glória de Júpiter, agora é sagrado o juramento diante do Estige. Se alguma divindade romper, será punida com sanções previstas por Júpiter. Tamanho é o poder do Estige. Foi nele que Tétis, segurando pelos calcanhares, tornou invulnerável seu filho Aquiles. Como se sabe, o herói era vulnerável nos calcanhares.

Nessa sua caminhada, aparecem a Enéias as sombras dos guerreiros troianos. Em seguida, temos descrição do Tártaro e dos monstros infernais. Só mais adiante Eneias encontra o seu pai Anquises. No verso 679, quando o pai Anquises atentamente recenseava os seus futuros netos, os que havia de subir à luz e compor os destinos da sociedade romana, com toda a sua pujança de costumes e poderoso exército, surge à frente dele o seu filho ao qual saúda com a expressão:

‘Venisti tandem, tuaque exspectata parenti 687

vicit iter durum pietas?

‘Vieste afinal, e a tua piedade tão na expectativa do teu pai 687

venceu o duro caminho?’

Quem realiza uma viagem ao Hades detém conhecimentos importantíssimos. Isso mesmo se deu com Orfeu, que, após a sua viagem ao Hades, fundou o Orfismo.

Manes, que é interpretado no plural, pois se trata de um duplo, apesar do eufemismo que o traduz como *os bons, os benevolentes*, (mas, pode se tornar um contraste:) *qual o eco da borrasca distante, o rosar hostil dos Manes insatisfeitos, tocados pelo ódio cego do ressentimento*. (BRANDÃO, 1993: MANES) O fato é que os Manes, pois talvez fossem a nossa forma de morto, precisam beber da água do rio Lete, para poderem vir à luz de novo. Os antigos o derivavam de *manare*, pois, conforme Festo (*apud* BRANDÃO, 1993), *ab inferis ad superos emanare credebant, acreditavam subir/ emanar (os Manes) dos Infernos para junto dos mortais*.

Tum pater Anchises: ‘Animae, quibus altera fato 714

corpora debentur, Lethaei ad fluminis undam

securos latices et longa oblivia potant.

[Has equidem memorare tibi atque ostendere coram,]

iampridem hanc prolem cupio enumerare meorum,

quo magis Italia mecum laetere reperta.’

Então o pai Anquises: ‘As almas, às quais são devidas pelo destino 714

Outros corpos, bebem água junto das águas do rio Letes

Uns licores seguros e longos esquecimentos.

Desejo, de fato, já há muito falar-te e mostrar-te na tua presença estas almas,

E enumerar esta prole dos teus,

Na qual te alegres mais comigo, encontrando finalmente a Itália.’

São rios dos Infernos: Cocito, que rola lamentações; Piriflegetonte, que rola chamas; Aqueronte, do esquecimento – e não tem nada a ver com Caronte; Estige, *que provoca horror por causa de sua frialdade* (BRANDÃO, 1991); rio Lete, que significa esquecimento, do verbo grego *λανθάνειν*, *lanthánein* – esquecer, esconder; donde *αληθής*, *alethés*, não omitido, verdadeiro. Próximo ao latim *latēre*, estar escondido. É notável que a principal forma de dizer

*Depois (da purificação) somos enviados ao amplo Elísio
e aos poucos os que ocupam estes campos alegres,
enquanto o correr dos anos destrói a impureza material,
e deixa pura a origem celeste no (estado) de simples fogo da aura / do sopro.
Um deus aí evoca, por decorrer mil anos, com um grande gesto, às águas do Lete,
É claro esquecidas do passado para que revejam a abóbada celeste
e recomecem a querer voltar em (novos) corpos.*

Os Campos Elísios são o local onde os anos depuram a crosta negativa (*concretam labem*) e ressurgem o fogo (*ignem*). É neste momento que um deus, *com um grande gesto (agmine magno)*, permite a aproximação das águas do Lete (*Lethaeum ad fluvium*). Um como complemento do outro, seu contrário.

No final da jornada de Enéias:

*Sunt geminae Somni portae, quarum altera fertur
cornea, qua veris facilis datur exitus umbris;
altera candenti perfecta nitens elephanto, 895
sed falsa ad caelum mittunt insomnia Manes.
His ubi tum natum Anchises unaque Sibyllam
prosequitur dictis, portaque emittit eburna,
ille viam secat ad naves sociosque revisit*

*São duas as portas do Sono, uma das quais se diz
Córnea, pela qual se dá saída fácil aos sonhos verdadeiros;
A outra, resplandecente e feita de branco marfim,
Porém, os Manes enviam ao céu falsos sonhos.
Então, enquanto Anquises, com aqueles relatos, acompanha
O filho e ao mesmo tempo a Sibila e os lança pela porta de marfim,
Enéias corta caminho para as naves e revê os companheiros.*

Sobre as duas portas do sonho, acreditava-se que os sonhos verdadeiros saíam pela porta de chifre e visitavam os mortais depois da meia-noite; os sonhos falsos saíam pela porta de marfim antes da meia-noite. Há quem interprete o marfim como símbolo da pureza e do poder e a oposição homérica, chifre e marfim, seria uma contradição desde a Odisseia. (CHEVALIER; GHEERBRANDT, 1982)

2.2 A água com uma ilusão

Ilusão provém do latim *ludus, jogo*. O curioso é que *illusio, -onis* é introduzido no Latim Clássico por Cícero (*apud* ERNOUET; MEILLET, 1985), para traduzir da retórica grega εἰρνεύειά, *eironeía, ironia*, que denota neste caso, rigorosamente, *interrogação*, aliás como está no Sócrates, documentado por Platão, como um parto, quer dizer, a maiêutica socrática: sua metodologia heurística. Enfim, não é uma pergunta que faz Narciso diante do reflexo do espelho da água? Note-se ainda que o termo português *ilusão* tem uma datação, ou seja, é um erudito. Não chegou ao dicionário português por via histórica, e sim por adaptação no século XV, como se lê em nossos dicionários.

Ovídio (43 a. C a 18 d. C.), sobre o mito de Narciso, nas *Metamorfoses*, do verso 340 a 510, do Livro III, dos quais destacamos uma passagem abaixo, na qual temos a dimensão do que a água pode criar como ilusão. Ela assume a forma de um espelho, aí cria uma verdade extraordinária, a ponto de se tornar uma categoria da Psicanálise moderna: o Narcisismo. Leiamos, pois, este momento poético:

dumque sitim sedare cupit, sitis altera crevit, 415
dumque bibit, visae correptus imagine formae
spem sine corpore amat, corpus putat esse, quod umbra est.
adstupet ipse sibi vultuque inmotus eodem
haeret, ut e Pario formatum marmore signum;
spectat humi positus geminum, sua lumina, sidus 420
et dignos Baccho, dignos et Apolline crines
inpubesque genas et eburnea colla decusque
oris et in niveo mixtum candore ruborem,
cunctaque miratur, quibus est mirabilis ipse:
se cupit inprudens et, qui probat, ipse probatur, 425
dumque petit, petitur, pariterque accendit et ardet.
inrita fallaci quotiens dedit oscula fonti,
in mediis quotiens visum captantia collum
bracchia mersit aquis nec se deprendit in illis!
quid videat, nescit; sed quod videt, uritur illo, 430
atque oculos idem, qui decipit, incitat error.

*credula, quid frustra simulacra fugacia captas?
quod petis, est nusquam; quod amas, avertere, perdes!
ista repercussae, quam cernis, imaginis umbra est:
nil habet ista sui; tecum venitque manetque; 435
tecum discedet, si tu discedere possis!*

*Enquanto deseja aplacar a sede, cresceu uma segunda sede; (415)
e, enquanto bebe, é arrebatado pela imagem da forma vista,
ama esta esperança sem corpo; julga que este corpo existe porque há uma sombra.
Admira-se a si mesmo e, paralisado, se absorve naquele rosto,
como uma estátua formada de mármore proveniente de Paros.
Estendido no chão, olha o gêmeo, seus olhos, duas estrelas. (420)
Seus cabelos tão dignos de Baco, quão digno de Apolo;
faces impubescentes, pescoço ebúrneo, boca graciosa e um rubor misturado ao
branco níveo.
extasia-se diante de todas essas coisas perante as quais ele próprio se admira: (425)
Sem perceber, ele deseja a si mesmo e, nisso, quem examina é que é examinado.
Enquanto se dirige a ele, é dirigido a si mesmo e igualmente se inflama e se excita.
Quantas vezes deu beijos vãos para a fonte falaciosa!
Quantas vezes mergulhou nas águas os braços para pegar o seu pescoço visto, sem
encontrá-lo nelas! O que vê ele? Ignora; mas o que vê, se queima por ele, (430)
e o mesmo erro que o engana, incita os olhos.
Criança crédula, por que insistes pegar em vão uma imagem fugaz?
O que buscas, não há em nenhuma parte: o que amas, perdes, tu mesmo o fazes
esvaecido!
Essa sombra, que percebes é de tua imagem refratada:
essa sombra nada tem de si mesma, tanto vem quanto permanece contigo (435)
contigo se afasta, se tu puderes te afastar!*

Note que o Poeta escreve *cresceu uma segunda sede, sitis altera crevit* - uma segunda sede é sujeito de *crevit*, embora seja voz ativa, torna Narciso paciente da ação dentro da oração e ainda o deixa determinado por *alter*, que em latim denota rigorosamente *segundo*.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não temos onde fica exatamente o ponto central do universo, já que medir a distância entre a lua e a terra (ou entre o sol e a terra) por sombra projetada de um objeto qualquer é falacioso, e deixou de ser uma proeza matemática dos antigos gregos, porque se sabe atualmente que a luz da lua leva alguns segundos para chegar à terra; a do sol, alguns minutos e, levando em conta a distância entre estes corpos celestes, sempre que medirmos não obteremos a indicação algébrica exata.

No passado, criamos corolários religiosos e políticos, que foram sustentados por instituições que tinham absoluta certeza do “real”. Assim, surgiram a Inquisição, a Revolução Francesa ... ,ou seja, umas instituições boas, outras ruins: todas com absoluto domínio de um unívoco “centro” ou “verdade”. Com o advento da modernidade, a Física com seus resultados de pesquisa nas ondas sonoras e nas da luz, a Química, com suas misturas, assim, com as múltiplas ciências, construímos nossos caminhos modernos e descobrimos destas mesmas ciências a relatividade: não temos exato controle do horário cronometrado no relógio, nem da divisão criada no calendário e, hodiernamente, que o “centro” do universo é aqui e ali.

Se até uma estrela que observamos cadente, nos estudos científicos, já se apagou há algum tempo considerável, cabe uma analogia com o nosso passado documentado historicamente, uma vez que, analogamente, inventariamos este passado histórico tão documentado! A “verdade” como o “centro”, no sentido antropológico e dos fatos históricos, sumariados acima com dois exemplos, é uma invenção humana. Assim, o “tempo”, do qual o homem depende tanto, é convencional, pois o “passado” aconteceu, foi dado, não se pode alterar. O futuro, que nos angustia, dadas as incertezas, é uma esperança apenas: não existe literalmente. O presente, de fato, é a certeza, mas paradoxalmente não nos concentramos nele, e sim apenas no passado e, principalmente, no futuro.

Nas águas, o imaginário poético de sociedades arcaicas ou primitivas encontrou lugar para nos remeter ao sentido da “verdade”. Daquilo que é uma percepção do “real”: um duplo, já que vemos verdades em refração. Como as águas iludem! Sua extensão nos oceanos se nos apresenta como incomensurável, o que nos produz a sensação de primordialidade. Sua fluidez, perante nossas percepções, podem significar infinitas possibilidades de formas, como Narciso colheu no espelho de uma delas.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA – **Antigo E Novo Testamento**. Traduzida para o português por João Ferreira de Almeida. Barueri – SP: 1992.

BRANDÃO, J. S. **Mitologia Grega**. Petrópolis: Vozes, 3 v. 1986.

__. **Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia Grega**. Petrópolis: Vozes, Vols.I-II. 1992.

__. **Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia e da Religião Romana**. Petrópolis, Vozes, 1993.

__. **Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia e da Religião Romana**. Petrópolis, Vozes, 1993.

CASSIRER, E. **Linguagem e Mito**. Trad. de J. Guinsburg e M. Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CHANTRAINE, P. **Dictionnaire Étymologique de la langue Grecque**. Paris: Klincksieck, 1999.

CHARADEAU, P; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CHEVALIER, J; GHEERBRANDT, A. **Dicionários de Símbolos**. Trad. Vera Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

ECO, Humberto. **A Estrutura Ausente**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.

__. **História das Crenças e das idéias Religiosas**. Trad. Roberto C. de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2 v. 1978.

__. **Mito do Eterno Retorno**. Trad. José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryom, 1992.

ERNOUT, A.; MEILLET, A. **Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine – Histoire des Mots**. Paris: Klincksieck, 1985.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 1.0 [CD-ROM], 2009.

OVIDE. LES METAMORPHOSES. Tome I. Texte établi et traduit par Georges Lafaye. Paris: Les Belles Lettres, 1961.

SPALDING, T. O. **Dicionário da Mitologia Latina**. São Paulo: Cultrix, 1972.

__. **Pequeno Dicionário de Literatura Latina**. São Paulo: Cultrix, 1968.

VIRGILE. *L'*. Nouvelle édition revue et augmentée avec introduction, notes, appendices et index par Maurice Rat. Paris: **Garnier Frères**, Vols. I e II. 1947.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

SILVA, A. C. A *Água Como um Duplo*. *Rev. FSA*, Teresina, v.14, n.1, art.8, p. 166-179, jan./fev. 2017.

Contribuição dos Autores	A. C. Silva
1) concepção e planejamento.	X
2) análise e interpretação dos dados.	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X